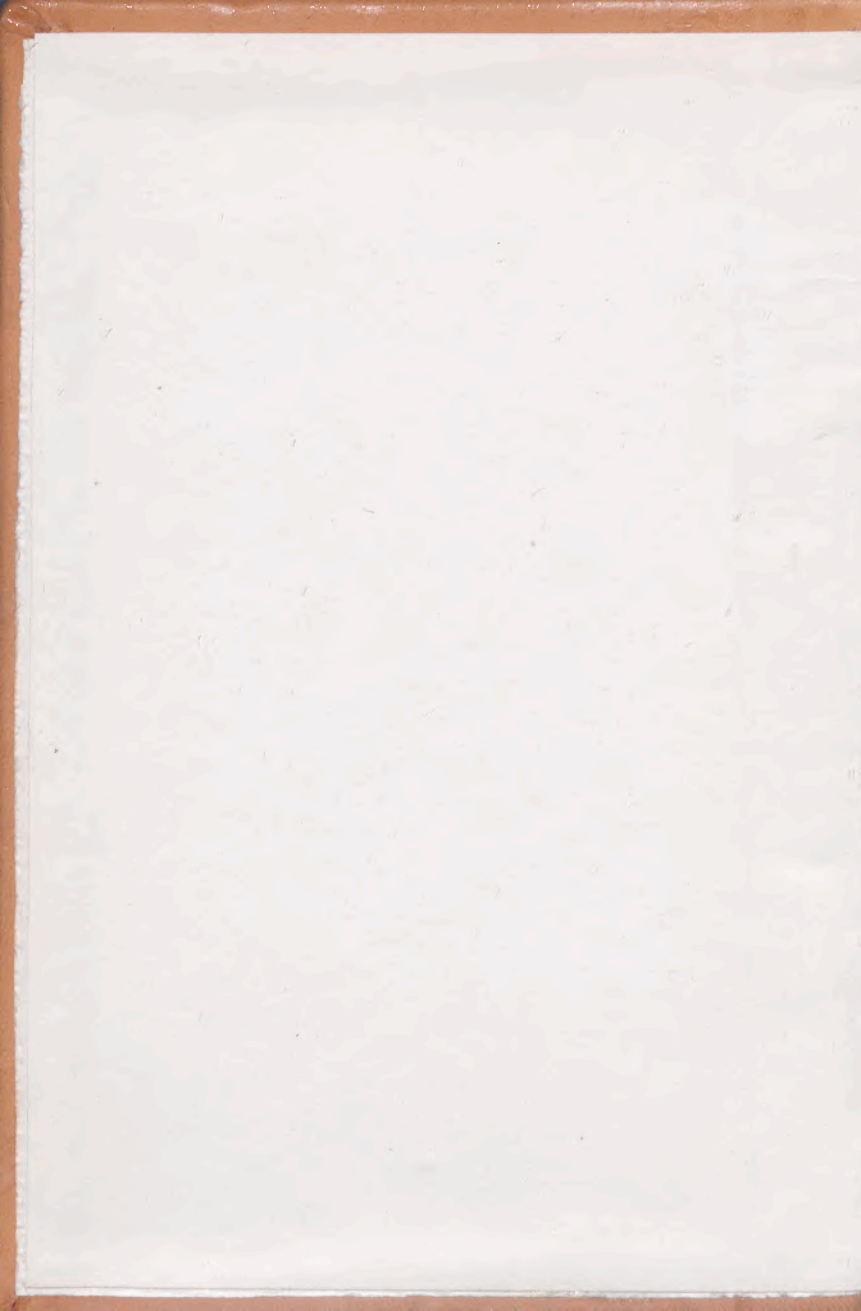


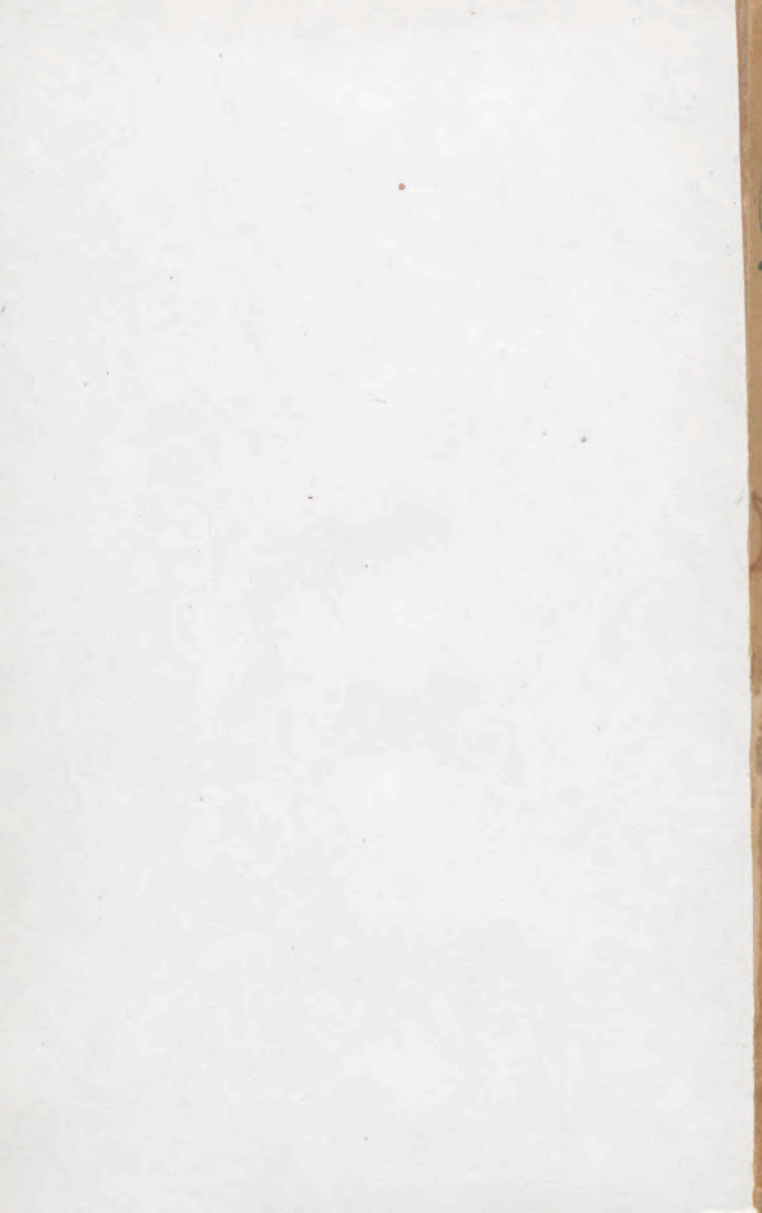
ARTHUR DE ESMERIZ


FOLHAS
DO
OUTONO



34.3-1Esmeriz,







ARTHUR DE ESMERIZ

Folhas do Outono

—
VERSOS



FAMALICÃO

TYPOGRAPHIA MINERVA — EDITORA

1902



1579



Folhas do Outono



Impresso em machina "Marinoni"
na Typographia Minerva de Gaspar Pinto de Souza & Irmão,
V. N. de Famalicão.

C. M. B.
BIBLIOTECA ARTHUR DE ESMERIZ

livros

—••—

de

Folhas de Outono

de

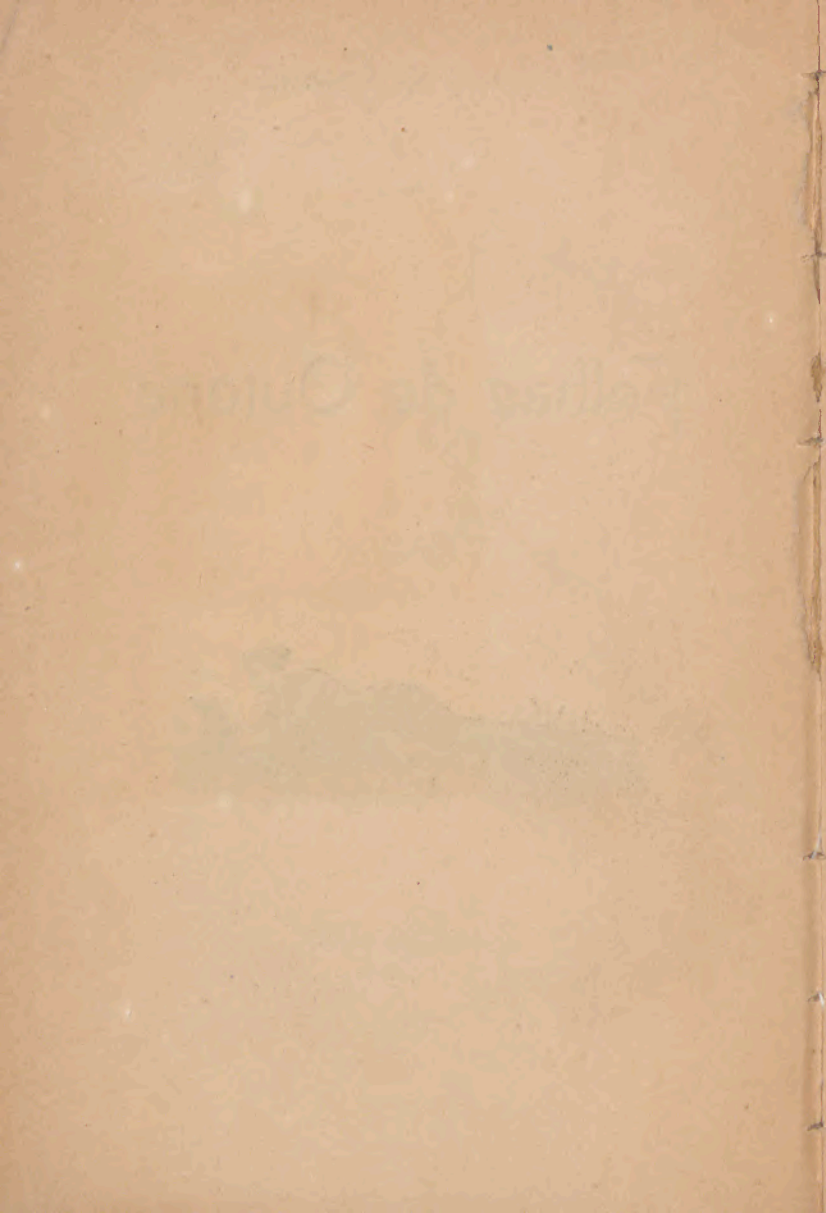
VERSOS



FAMALICÃO
TYPOGRAPHIA MINERVA — EDITORA

—

1902



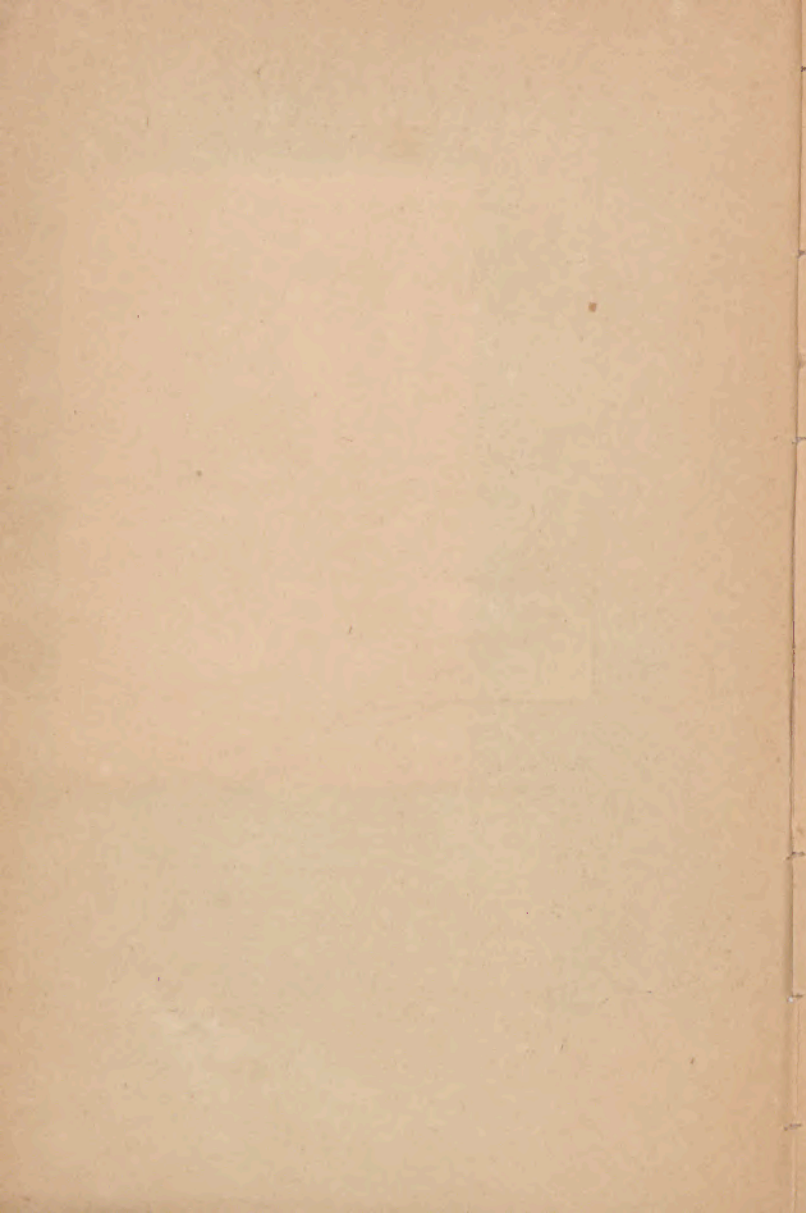


1579



C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
No. 5790

Borahone
Perm.





Duas palavras

Convidado para escrever **trinta** quadras para um formosissimo «fudo» original, accedi gostosamente á honra do convite e, juntando algumas já compostas a muitas que escrevi de novo, pude reunir **setenta e cinco** que, em parte, não desmereceriam da belleza da musica a que eram destinadas.

A necessidade de imprimir este grande numero de quadras suggeriu-me a ideia de as publicar em livro; além d'isto, o desejo de satisfazer os muitos pedidos que tenho recebido de exemplares do meu «*Rabiscos e Verbenas*» desde que, pouco depois de sahir do prélo, se esgotou a primeira edição, mercê do lisongeiro acolhimento que os leitores e a critica se dignaram dispensar-lhe, egualmente avigorou aquella ideia, pois que, accrescentando ás quadras uma dúzia das produ-

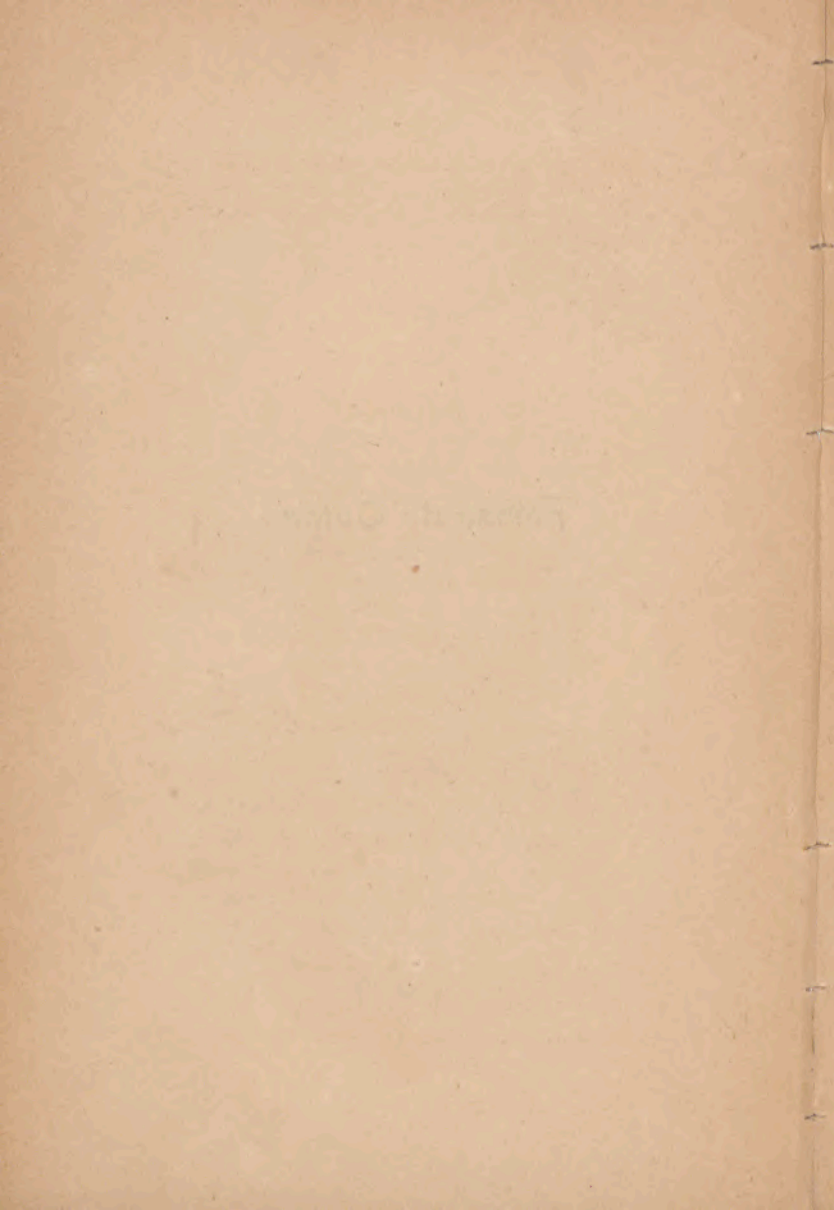
ções enthesouradas no «Rabiscos» que não valeria ser reeditado, teria conseguido material para completar um pequeno volume.

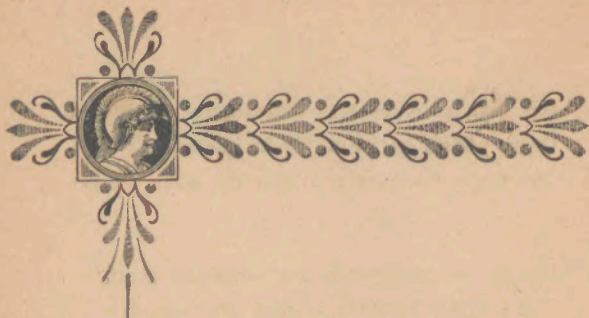
Constará, pois, o presente livro de tres partes: na 1.^a juntarei algumas poesias que jaziam no limbo da minha gaveta ou dispersas nas columnas de varios jornaes; formarão a 2.^a as setenta e cinco quadras; e uns trechos do «Rabiscos e Verbenas» constituirão a 3.^a parte.

E como este livro não vae com vista aos senhores criticos, que a tamanha distincção não tem jus, appellarei sómente para a bondade do leitor convencido de que nem todos os versos n'elle encerrados lhe desagradarão.

Arthur de Esmeriz.

Folhas do Outono





Aguarella

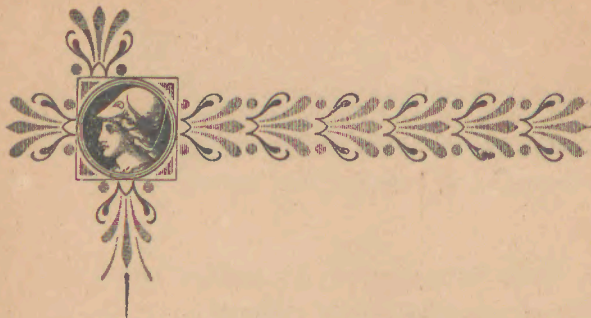
Que penna com verdade — ó minha doce amada! —
Pudéra descrever-te as fôrmas primorosas,
O talhe magestoso e as curvas graciosas,
O collo d'alabastro, o pé e a mão de fada,

A fronte juvenil e a face incendiada
No vivo rubor das petalas das rosas,
A bocca pequenina e as perolas formosas
Que brilham como o sol na rúbida alvorada?

Dos grandes olhos teus d'um negro de velludo,
Quem pudéra narrar a tímida insistencia
Que tigres fascinára e a mim me deixa mudo?

E a poder descrever-se um corpo tão gentil,
Como lograr pintar-te a alma d'innocencia? . . .
— Puro crystal d'um lago ou limpo céu d'anil! —





Eterno amor

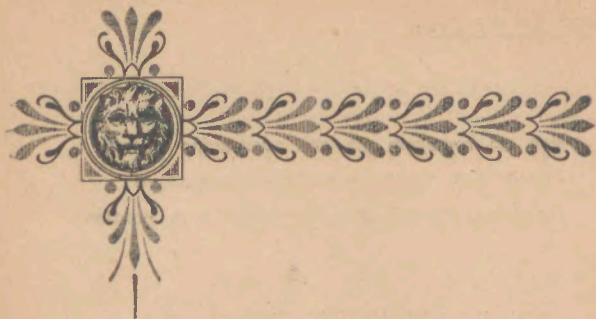
Quando fixo — mulher — teu corpo esculptural,
Quando beijo o marfim das tuas mãos — princeza —,
Fascina-me e seduz-me a singular belleza
Que pôde em ti reunir a graça divinal.

E quando o teu olhar me toma sem defeza,
Me cinge e me domina em magica espiral,
Nas voltas de serpente, em teu olhar fatal,
Eu sinto-me perdido e subjugada preza.

E invade-me, então, estranho sentimento,
E abandono-me, enfim, sem vão lamento,
Dobrado ao teu imperio o meu nenhum valor.

— Ata-me como a escravo, em auges de tortura,
Ao carro triumphal da tua formosura . . .
. . . No peito lacerado ainda acharás amor!





Dia de finados

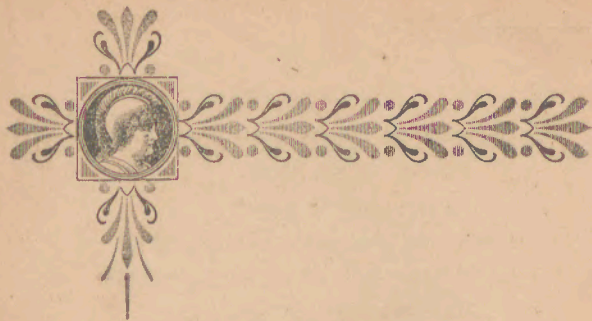
Adejam pelo espaço os dobres funerarios
Dos bronzes a tanger nas velhas cathedraes
A toada que chama ás sombras cyprestaes
A bella procissão dos habitos lendarios.

Aonde vae lentamente aquella turba em ais
A tristeza no rosto, o dó nos vestuarios?
Por que chora abraçando os brancos cinerarios
E cae ajoelhada em lousas sepuleraes?

Vae em romagem pia aos necroterios santos
Prestar aos mortos seus feral consagração
De flôres, de brandões, de beijos e de prantos!

.....
Chorar sobre o teu seio, em jaspes modelados,
— Sepulcro alabastrino onde é meu coração —
Ó deixa-me tambem . . . que é dia dos finados!





Scismando



Era na praia.
Ao longe, para as bandas poentinas,
O sol desmaia
Atrás d'um véu de rendas purpurinas...
.....
E o meu olhar
Perdido lá nas ondas d'esse mar
Tão largo e fundo

Que nem as tranças todas d'este mundo
Possam, talvez, medir,
Possam, talvez, sondar,
Corria sem destino as glaucas plagas
Como barca sem rumo sobre as vagas
Ao sabor das tormentas;
E ora fitava a curva graciosa
Que marca o fim do mar
E o fim do céu;
Ora seguia a aza singular
De lancha que singrava donairoza
Á affronta do escarcéu;
Ou o vôo irregular
Do alcyão côr da espuma,
Que toca as cristas do mar
No seu contínuo girar
Rompendo por entre a bruma
Sem haurir um novo alento;

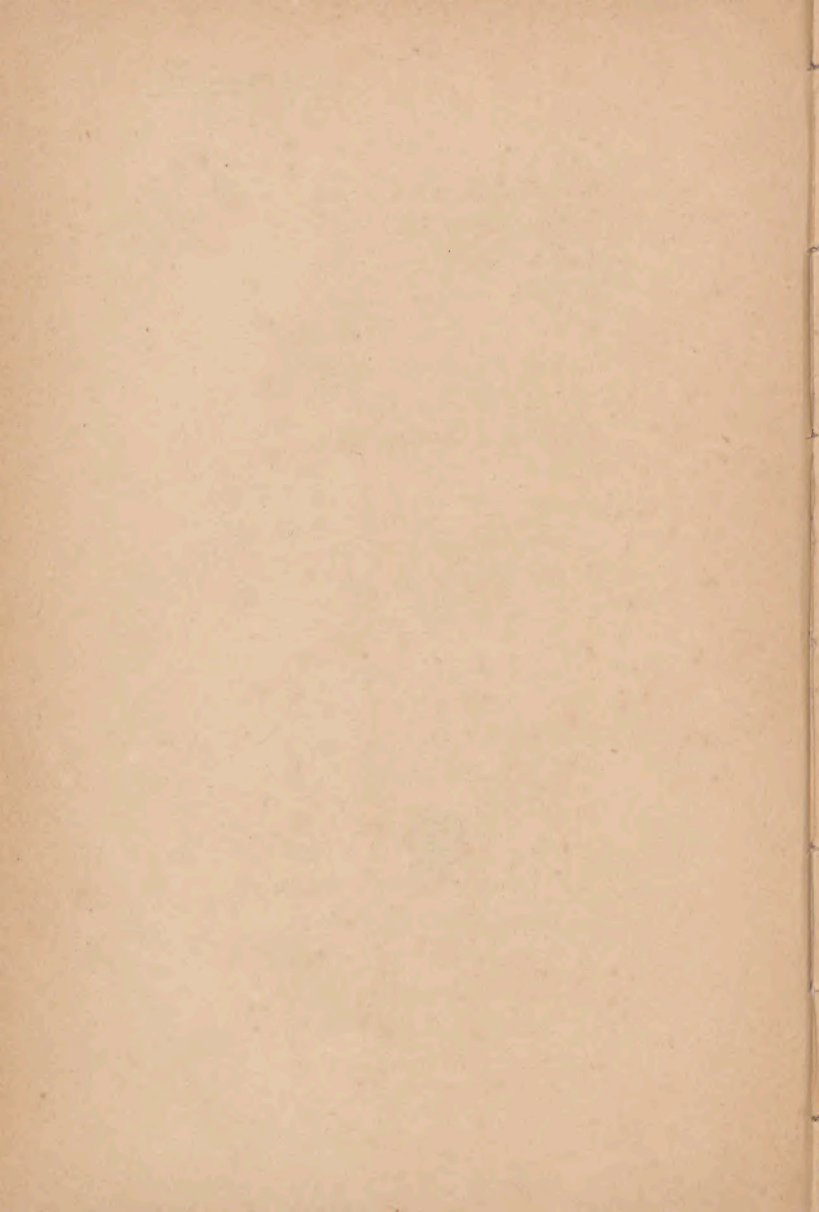
.....
Como a lancha véla ao vento,
Ou como o branco alcyão,
Lá ia o meu pensamento,
Correio do coração,
De céu em céu,
De mar em mar.

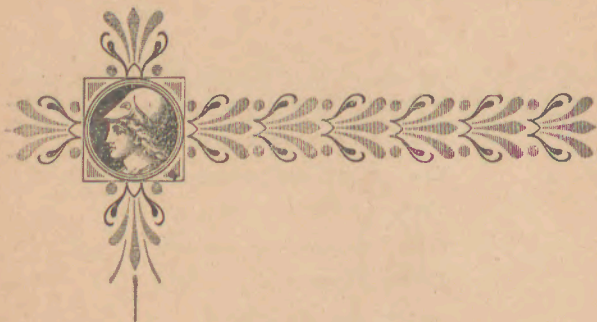
Em cata da minha Amada,
Até ao rúbido véu
Que a monção veio rasgar
A gemer occultas maguas;
E que, em tufão transformada,
E que, tornada em açoite,
Ao caír lento da noite
Encapella as brandas aguas...

.....
.....

E eu quedei-me a scismar,
O olhar perdido no mar,
E o mar perdido na noite...







Quinze quê?

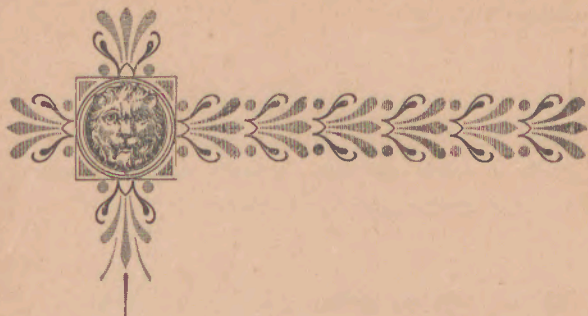
(Nos 15 annos de minha irmã Maria)

Quinze vestidos de rosas
Que, Primaveras formosas,
Dão ao jardim de Maria?
Quinze mantos de boninas
Que os prados e as campinas
Ostentam com galhardia?

—Tanta flôr e tantas galas!—
Não venha a neve queimal-as;
Não venham tufões damnhinhos
Tornar vestidos e mantos,
Pelos invernos dos prantos,
Tristes andrajos de espinhos!

27—1—99.





Água na fervura

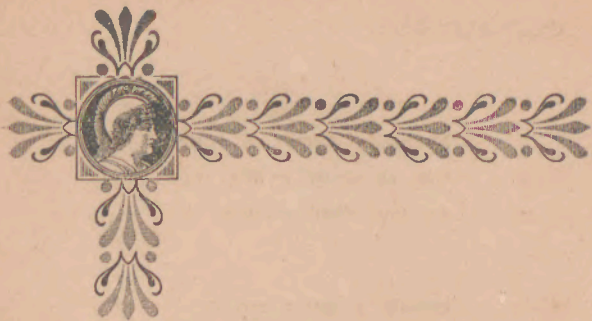
Demosthenes, ardendo em fogo de desejos
Pelas graças de Lais, que a fama apregoava,
Deu as costas ao sol que lá de longe o olhava
E de Athenas partiu em busca dos seus beijos.

Deixou na santa paz os grossos alfarrábios
E, tomando um bordão, caminha noite e dia,
Sem se lembrar que prego a cortezã poria
Ao jaspe do seu collo e ás rosas dos seus labios.

Chega a Corintho, e a grega e linda prostituta
Dá-lhe a pedida audiencia e quando, enfim, o escuta,
Por seus encantos quer meio milhar de escudos!

Rejeita o bom do sabio e cheio de alto *ferro*,
Despeitado bradou, voltando aos seus estudos:
—Não comprarei tão cara a contrição d'um erro!—





Punhal hervado

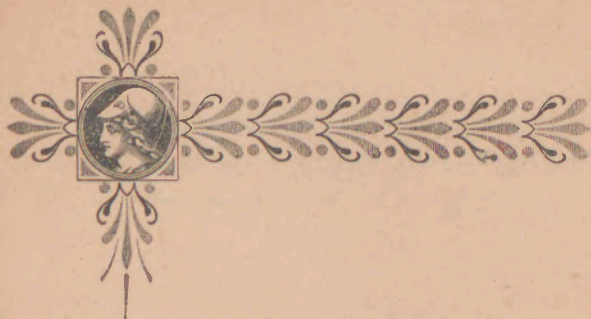
Quando o setineo punhal
Do teu olhar feiticeiro,
No meu coração, certo
Vibrou um golpe mortal,

E o golpe duro e fatal
O varou d'amor primeiro
Que tornou em derradeiro
Por meu fado e por meu mal;

Morrendo d'amor, o triste
Que se rende e não resiste
Ao teu olhar seductor,

Bem diz o golpe certo
Do teu olhar feitiço
E cáe morrendo d'amor.





Aos expedicionarios de
Infanteria n.º 8

Bravos! — Ides marchar! — Se vos faltar o alento
Lembrae as tradições do vosso regimento
E lembrae os laureis do nome portuguez;

Ao toque dos clarins e aos silvos da metralha,
Ao — S. Jorge e ávante! — o brado de batalha
Orgulho sentireis nos peitos sem arnez.

Heis-de voltar á Patria; ao fogo dos abraços
Da Mãe que vos estende os mal seguros braços
Lá do canto do lar onde é sacerdotisa;

Onde após de estreitar a vossa frente ao peito
Verte—benção de Mãe!—de pranto um mar desfeito
E afasta-vos depois, enxuta a frente lisa,

Porque inda mais que Mães, as Mães são Portuguezas,
E mandam-vos tentar façanhas e proezas,
Uma lauda brilhante addir á lusa historia.

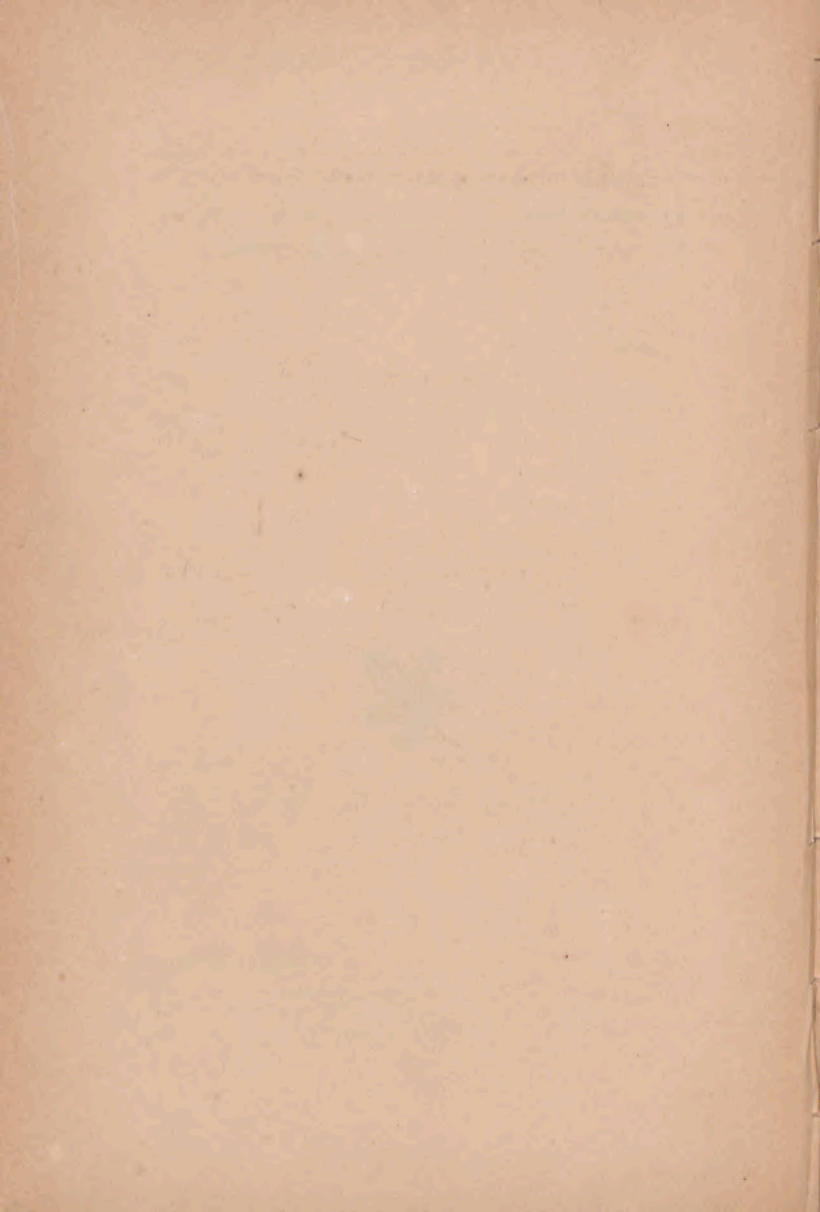
— Parti! Ide na senda aberta aos luctadores
Levar esse estandarte aos sóes triumphadores,
Vossas armas cobrir de nova e alta gloria! —

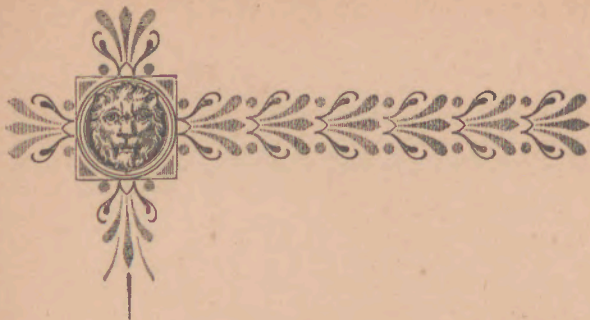
Heis-de voltar á Patria e ao circulo dos braços
Que vos estendem Mães em ancias de abraços
Lá do canto do lar humilde onde nascestes;

E a Patria o vosso nome em oiro ha-de inscrever
No guião bi-color; e hão-de os vindouros lêr
Mil feitos de valor no sangue que vertestes.

Setembro — 1900.



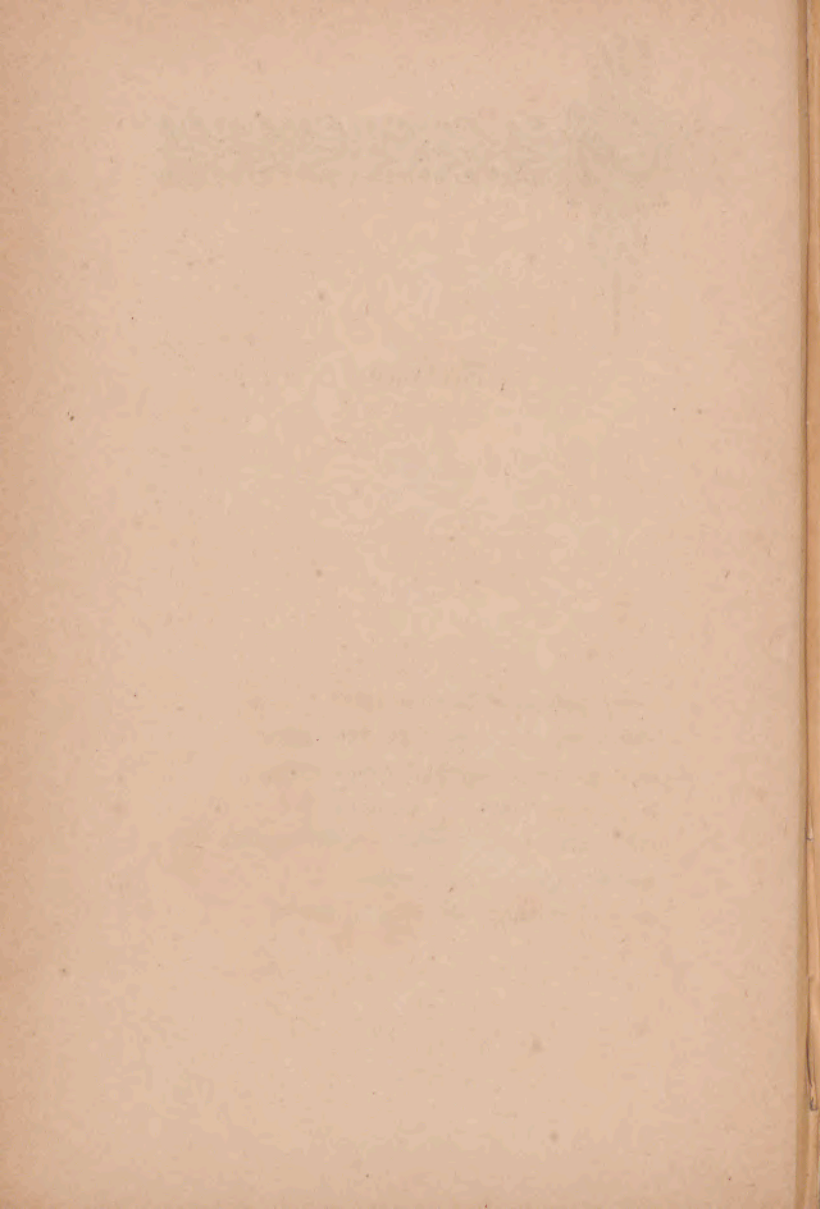




Acrostico

X

Vccendeu-te nas faces o rubor
Rosas mil do carmim de vivo pejo,
Mais que doce roçar d'ardente beijo,
V pura confissão do teu amor.
Não côres, nem desmaies —minha amada—,
Deves erguer o collo seductor
V' só lembrança da afeição jurada.





Amor e odio

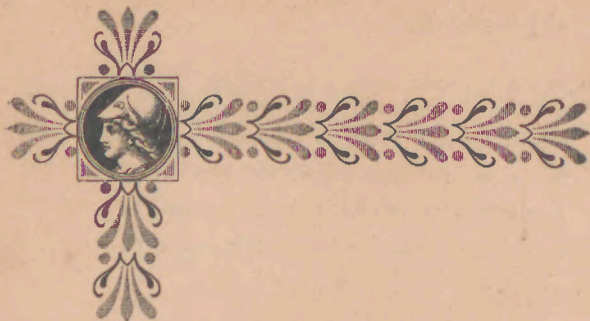
Não crês que um grande amor crescido de hora a hora
Em dez annos sem fim de immenso agonisar,
Medrado em pranto e dôr, se possa transformar,
Cançado da agonia, em aversão agora?

Nem que a victima, crês, se atreva a protestar
—Que a aimã vae sem norte em mar de prantos fóra—
Contra o gentil algoz que te fizeste, embora
Tremenda punição do crime de te amar?

Foi muito confiar que não cedesse a impulsos
O bronze dos grilhões que me lançaste aos pulsos
Em élos taes que um preso ainda os beija e quer.

É quebrada a magia em teu olhar fagueiro,
E é impotente, enfim, teu riso feiticeiro,
— Pois eu que te adorava — odeio-te mulher! —





Salvé

(Ao Major Mousinho d'Albuquerque)

... vive ainda nos Portuguezes
aquelle fogo de verdadeiro va-
lor, que por todas as idades os
illustrou. Muito quebrantam ca-
lamidades e infortunios geraes:
mas o fogo coberto de cinza,
dissimulado está, não apaga-
do;...

L. II. C. XI. Vida de D. Fr.
Bart. dos Mart. = *Fr. Luiz de
Souza.*

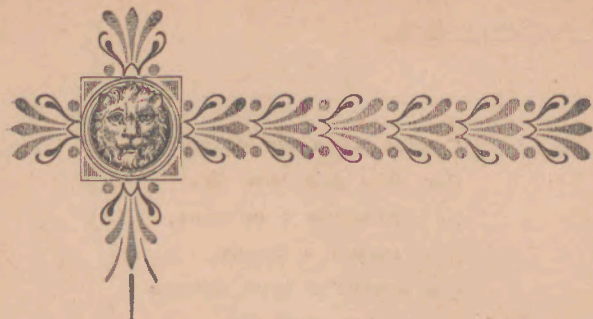
No livro de ouro e bronze em que a gloriosa espada
Dos inclitos heroes a historia havia escripto
Do nobre Portugal, teu nome foi inscripto
Com o teu proprio punho em folha assignalada.

Saúda, a velha Patria, o filho que é conscripto
Sob a sua bandeira em grande feito honrada ;
A multidão te entrega a palma conquistada
E acclama o vencedor em delirante grito.

Ante o fulgente olhar de damas e princezas,
El-Rei dá justo premio a um bravo portuguez
E em teu peito viril medalhas deixa presas.

— «Mousinho d'Albuquerque! Heroe por tua vez
Já descendes de heroes! Tuas altas proezas
São imãs, no valor, de Ourique e Val-do-Vez!» —





À minha gentil amiguinha
Candida Pinto

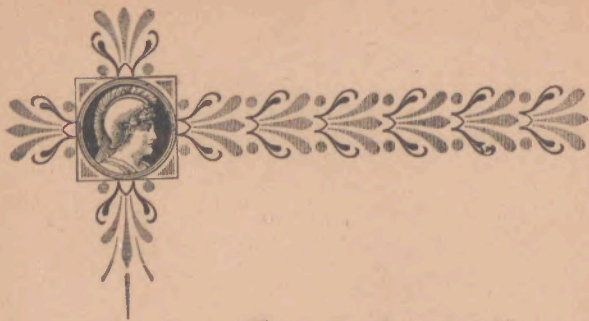
X

Que póde dar-te um poeta
Mais pobre do que um asceta
Se mais que versos não tem?
Dá-te versos, muitos versos,
Suspiros que vão dispersos
Por esses mundos além.

Candida — é a luz da aurora
Que doira pela terra fóra
As madresilvas e as rosas ;
E é candida a bonina
Que esmalta a larga campina
Beijada por mariposas ;

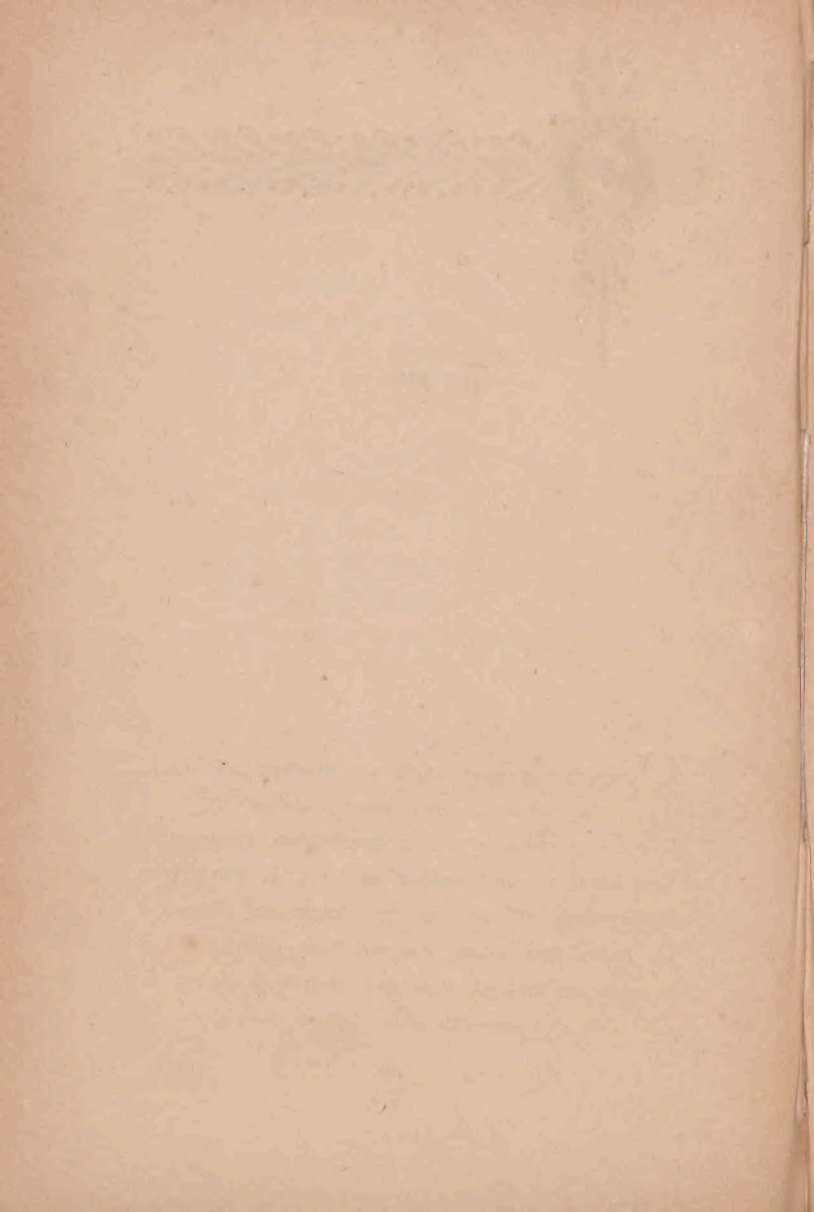
Candida és tu — minha flôr —
Que inda não sabes se é dôr
Que te reserva o porvir,
E que n'um doce regaço
Deitada em materno braço
Não sabes mais que sorrir ;

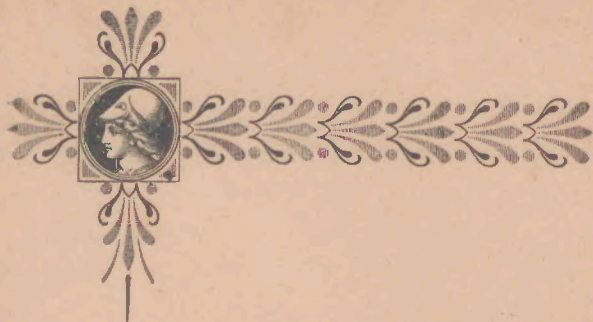
Se é vate todo o poeta ;
Se é fiel a voz secreta
Que me murmura, baixinha,
Teu nome que diz candura,
— Deves ter muita ventura
Minha gentil amiguinha. —



Teu seio nú

Os perfumes que exhala em magicos effluvios
Teu bello seio nú, d'um branco alabastrino,
Têm mais poder em mim que vinhos capitosos,
Que Kerman, ou Absintho, ou Rosa, ou Maraschino.
Não podem embriagar-me os vinhos em diluvios,
Ou taças sem contar d'algum licôr divino,
Com a embriaguez fatal dos cheiros preciosos
Que tem teu seio nú d'um branco alabastrino!

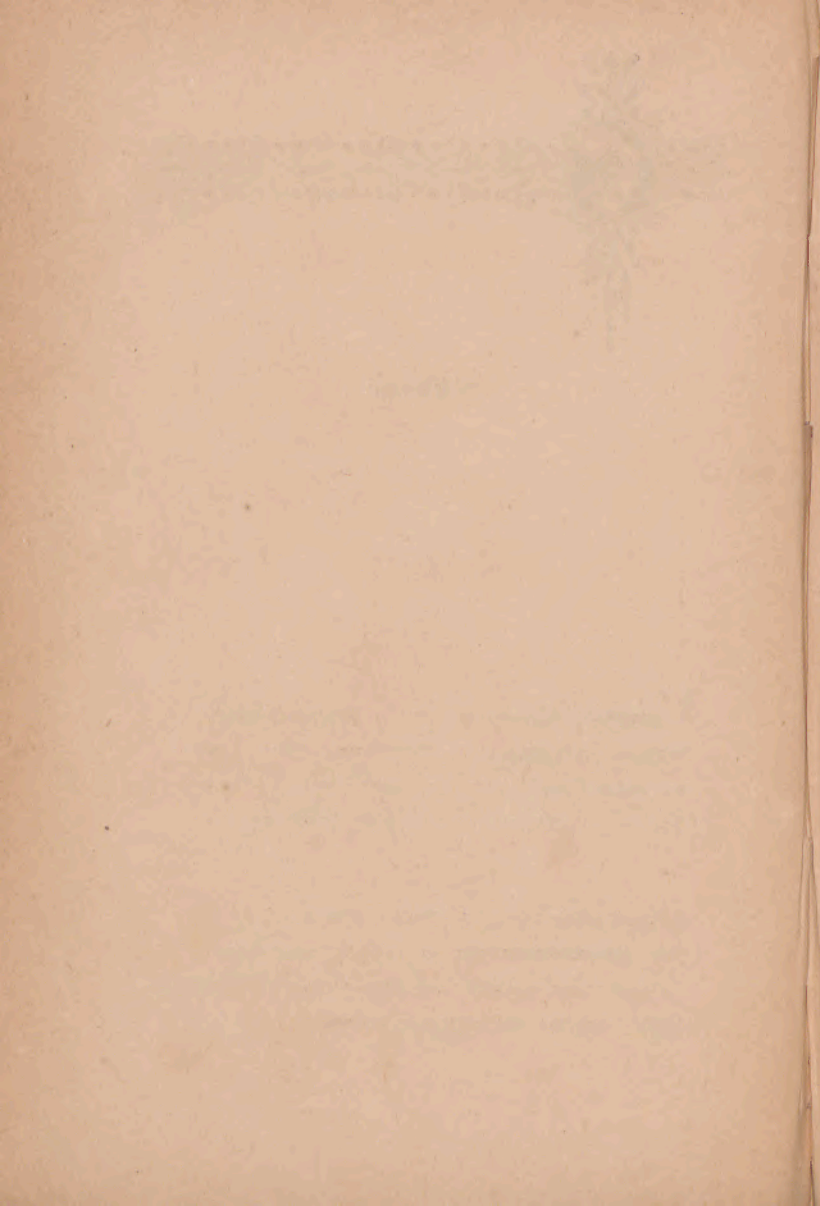


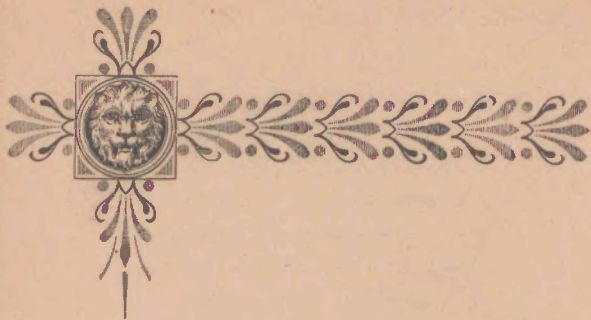


Mulheres

Creaturas gentis que sois os meus peccados!
Sublimes concepções do Deus que creio e amo!
Ao vosso fragil sexo eu quero tanto e tanto
Que, se o deixasse a lei, seria tetragamo.

E contra isto vejo a unica objecção
Que Schopenhauer viu, o grande pessimista.
—Quatro sogras ganhar,—desgraça em quintessencia!—
Quatro harpias ter expostas sempre á vista!—





O Poeta

O poeta não tem ventura.
Canta a suprema doçura
D'uns olhos de mulher pura;
Canta o sol, canta as estrellas
Em estrophes primorosas,
As opulencias faustosas
Que trajam fragrantas rosas
E as margaritas singelas;

Canta, enfim, toda a belleza
Do cofre da Natureza,
A açucena que é pureza
E a urze secca do monte;
Traduz a dôr, lê nos prantos
E decifra os ledos cantos
Das aves cheias de encantos,
E o rumor brando da fonte;

Evoca o grande Passado,
Que, entre ruínas prostrado,
Por todos tão desprezado,
Revive para elle só;
E, sob as velhas arcadas,
Ouve os psalmos e as passadas
Solemnes, cadenciadas,
Dos monges feitos em pó;

Vê em visão fugitiva
Que, por paixão muito viva,
Na alta janella em ogiva
D'algum castello roqueiro,

A castellã beija o pagem ;
E na torre de menagem
Vê surgir a ferrea imagem
De espadaúdo guerreiro ;

E, se de antigo combate
Pisa o campo, sente, o vate,
Ranger d'armas e o embate
Da espada contra o elmo ;
E na trança perfumada
Da linda mulher amada,
Entre todas adorada,
Julga ter o seu santelmo ;

Empunha o plectro que fira
As cordas de oiro da lyra
Que maviosa suspira
Fagueiras canções d'amor ;
Mas um dia — ó sorte dura !—
Passa da luz á negrura,
Resvala na sepultura
De sobre um leito de dôr.

.....

E na campã abandonada

Vão pôr-lhe a lyra quebrada!...

.....

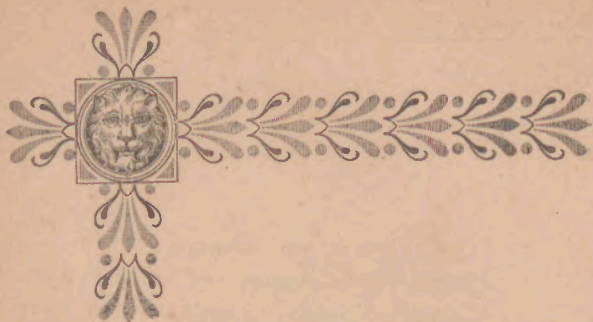


À Guitarra

(Aos bohémios de todos os
tempos)

A. D. 1840

1840



I

Mal te vêr e após perder-te,
Melhor me fôra morrer;
Que perder-te quasi ao vêr-te
Mais valêra não te vêr!

II

Ao romper da madrugada
Tudo é carmim nos céus,
Roubado pela Alvorada
Ao carmim dos labios teus.

III

Nas nossas boccas vermelhas
Estalam as gargalhadas,
— São as tristezas do peito
Que nos saem mascaradas. —

IV—V

Pudesse córar-te a fronte
Ardente beijo dos meus . . .
— Aos beijos do sol nascente
Tambem se córam os céus. —

*

E cheia assim de rubor
Tua fronte scismadora
Pareceria mais linda
Tingida da côr da aurora.

VI

Tem o céu milhões d'estrellas,
Milhões de lyrios os valles;
Não te eguala qualquer d'ellas,
Nenhum vale o que tu vales.

VII

O manto dos teus cabellos
É de fios de luar,
Tecido por mãos de fada
N'algum doirado tear.

VIII

Os fios do teu cabelo
São da treva mais cerrada,
Fiados por mãos de virgem
N'alguma roca doirada.

IX

A nuvem que nos esconde
A face branca da lua,
Se brando vento a dissipa
Recorda-me a afeição tua.

X

Na vasa d'um atoleiro
A alvura do nenuphar
É qual retrato da Virgem
Pendente n'um lupanar.

XI

Descubro estrellas no céu,
Vélas descubro no mar,
Sem a luz d'esse olhar teu,
Sem a altivez d'esse olhar.

XII

Fôsse eu a doirada abelha,
Fôsse a louca mariposa,
—Que a tua bocca vermelha
Não trocára pela rosa.—

XIII—XVII

Que estrella para meu norte,
Que graça no seu andar,
Que magestade no porte,
Que seducção no fallar!

*

Que noite nos seus cabellos,
Que de promessas no olhar,
—Quem tivèra sonhos bellos
Que noite para os sonhar!—

*

Que bocca cheia de rosas,
Que dentes vindos de Ophir,
Que lindas faces mimosas,
Que meiguice no sorrir!

*

Que cintura vaporosa,
Que seio turgido a arfar,
Que mão tão breve e formosa,
Que collo de nenuphar!

*

Que conjuncto para amar-se!
Que graça, que perfeição!
Que mulher para adorar-se
Se tivesse coração!

XVIII

Se algum dia o teu olhar
Perdesse a côr da traição,
N'elle pudéra encontrar
O meu pobre coração.

XIX

A cotovia faz ninho
No segredo dos trigaes
E a tua imagem se esconde
Dentro dos meus madrigaes.

XX

Os olhos da minha amada
São dois astros a brilhar,
Nas noites da lua nova
Não me faz falta o luar.

XXI

Beija mil serras distantes
O luar que vem dos céus
Beija tambem mil amantes
O brilhar dos olhos teus.

XXII—XXIII

Quando te faça chorar,
Condemna-me ao pelourinho
D'esse teu corpo d'arminho
E lá, deixa-me expirar.

*

D'amargo pranto banhado,
Seja o teu rosto divino
Lindo cartaz de Paschino
Onde o meu crime narrado.

XXIV

Quem me dêra ficar preso
Nas voltas dos teus abraços,
Arrastar vida de escravo
Nas cadeias dos teus braços.

XXV—XXXIII

— Porque tens tanto desdem
Quando fitas por favor
Esses teus olhos tão lindos
Nos meus tão cheios d'amor?—

*

Se tens o nacar dos labios,
Se tens os jaspes do collo
Que fazem morrer de inveja
As brancas neves do pólo;

*

Se tens as rosas vermelhas
Das tuas faces mimosas
Que fazem quasi esquecer
Que têm abrolhos as rosas;

*

Se tens diamantes negros
Nos olhos que Deus te deu,
Nos olhos que eu não trocára
Por mil estrellas do céu;

*

Se tens o carmim da bocca
Onde se aninha o desejo,
E o halito perfumado
Que embriaga n'um só beijo;

*

Se tens dentes que são perolas
Em duas ricas fiadas
Como não, ha em Ceylão
Outras mais orientadas ;

*

Se tens os cabellos d'ebano
Que voam n'um turbilhão,
Que têm por força cilada
Que são da côr da traição ;

*

Se tens a pureza grega
Das fórmias esculpturaes,
Como nunca no alabastro
Rasguem cinzeis ideaes ;

*

Se joias tão preciosas
Realçam tanta belleza:
—Eu sou poeta — mulher —
Ainda te excedo em riqueza!—

XXXIV

Lua cheia! lua cheia!
—Celestial lampadario!—
Tu fazes lembrar a hostia
Que se guarda no sacrario.

XXXV

Lilazes tens no teu peito,
Eu no meu só tenho dôres;
—Vem desfolhal-os na campa
Dos nossos mortos amores.

XXXVI

No bandolim da minh'alma
Senti cordas estalar
Ao beijal-as o calor
D'esse sol do teu olhar.

XXXVII

(Durante o eclipse do sol de 1900)

O sol entrou na agonia,
Vae-se apagando nos céus . . .
—Que me importa a luz do dia
Se tenho a dos olhos teus?—

XXXVIII

Saudades — são amarguras,
São espinhos cruciantes,
São as espadas que varam
Os corações dos amantes.

XXXIX

Se os fios do teu cabelo
São por si algemas duras,
—Como livrar-me da trança
Tão farta em que me seguras?—

XL — XLI

A tua bocca mimosa
Tem sorrisos de crystal,
Tem dentes feitos d'aljofres
Labios feitos de coral.

*

Mas apesar de tão linda
Fujo d'ella quando a vejo,
Pois tem veneno que mata
E não se sente no beijo.

XLII

Galopa a nuvem doirada
No azul do firmamento,
Como em teu corpo de fada
Galopa o meu pensamento.

XLIII—XLVII

Vergado ao peso bemdito
Do lenho dos teus amores
Vou chegando em meu Calvario
Ao fim da via das dôres.

*

No jaspe d'esses teus braços
Abre-me, enfim, uma cruz,
E crucifica-me n'ella
Qual fizeram a Jesus.

*

As chagas tenho-as no lado
Rasgadas por dois punhaes,
Pelos punhaes dos teus olhos
Que rasgam chagas fataes.

*

Tenho o escarneo no teu riso,
Nos teus labios a agra esponja,
E o meu sudario de morte
N'essa brancura de monja.

*

E no fim do sacrificio,
Quando agonise na cruz,
Fica-me a luz dos teus olhos...
...P'ra pôr meus olhos sem luz...

VLXIII

Se és rica, nem tenho geito
P'ra guardar os teus milhões,
Só tenho o cofre do peito
E n'elle guardo as paixões.

XLIX

(N o leque)

Um negro olhar de mulher
Emboscado atraz d'um leque,
Se escravos nos não fizer
Faz sempre que a gente peque.

L—LIII

Levantei dentro do peito,
Quando te vi, um altar
De luz e perfumes feito
E da côr do nenuphar.

*

Puz sobre elle a tua Imagem,
—Que formosa divindade!—
E prestava-te a homenagem
Da minha ardente piedade.

*

.....

O altar ainda é tal qual,
E a Imagem lá se adora,
Só tem a mais o missal
Das nossas cartas d'outr'ora.

*

E nos degraus, prosternada,
Cheia d'extranho fervor,
Jaz a minh'alma enlevada
Nas doces preces do amor.

LIV

Maria deixou de amar-te,
—Eis o teu sonho desfeito!—
Chora, chora coração
Estala dentro do peito.

LV

(Na haste d'uma rosa)

Vae a rosa perfumada,
Rainha excelsa das flôres,
Levar á minha adorada
O peito dos meus amores.

LVI

As tuas longas pestanas
São quaes punhaes de setim,
Que sinto quando me fitas
Logo cravarem-se em mim.

LVII—LVIII

Os dois sóes do teu olhar
— Morena dos meus anhélos—
São negros sóes a brilhar
Na noite dos teus cabellos.

*

N'essa noite tão escura
Sem norte algum me guiar,
À procura da ventura
Quizêra sempre vagar.

LIX

Amei-te cheio de fé...
E que tremenda agonia
Quando esmagaste, n'um dia,
Meu coração com teu pé!

LX—LXXI

Esculpi a tua imagem
Na proa do meu batel,
Ella marca na viagem
A derrota do baixel.

*

Se, rija, a nortada geme,
Em noites de temporal,
Vou navegando sem leme
Tendo a ella por fanal.

*

E se o velho mar se irrita
Levantado em vagalhões,
Rezo á imagem bemdita
Fervorosas orações;

*

«Que me guie na procella ;
Que me livre do escarcéu ;
Já que não fulge outra estrella
Nas tintas negras do céu ;

*

Que me dê porto seguro
Dentro do seu coração...»
E, sem leme, me aventuro
No mar largo da Illusão.

.....

*

Navegando, navegando,
Os olhos postos nos seus,
Adormeci, adorando
Nos meus sonhos, ella e Deus.

*

Nas ondas negras, revoltas,
—Mercê do meu sonho bello—
Julguei vêr madeixas soltas
Do seu formoso cabelo.

★

E julguei singrar no pólo,
Vêr a aurora boreal,
Ao lembrar seu niveo collo
E a boquinha de coral.

*

E sonhei que naufragava
N'um baixio traiçoeiro
Onde o mar despedaçava
O meu bergantim ligeiro.

*

Nafragára, e fui tomado
Nos braços d'uma sereia;
Tinha o teu rosto adorado . . .
Enganou-me . . . e então beijei-a . . .

*

Mas que tremendo castigo
Me guardava a dura sorte!
—Parecendo-se contigo
Tinha a frieza da Morte . . .

*

. . . Ainda meus labios géla
Beijo d'um frio cruel . . .
.
Ah! beijava a imagem d'ella
Na proa do meu batel! . . .

LXXII

É um eserinio a minha alma
Onde guardo os teus olhares,
Que são brandos como a calma,
Que são fundos como os mares.

LXXIII

Nos abysmos do teu seio
De peregrina brancura
Eu cahira sem receio,
Eu quizera sepultura.

LXXIV

Ha dynamite encoberta
No carmim dos labios teus
Para a descarga ser certa
Falta-lhe o fogo dos meus.

LXXV

— Rapazes — quando eu morrer,
Levantae-me um mausoléu,
Até á curva do céu,
De corações de mulher!



Verbenas





Vogando

Vélas pandas, sulca o mar
Uma barquinha ligeira.
Vae ao leme a timoneira,
Sem os ventos consultar;

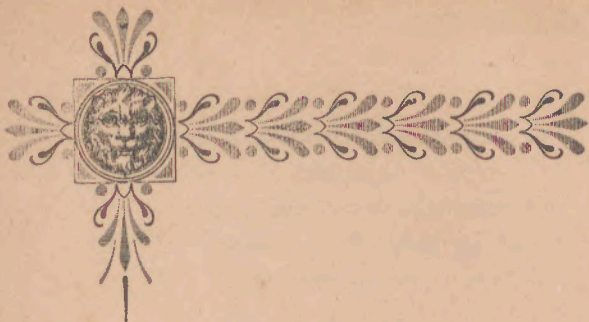
E sem volver seu olhar
Para a bruma traçoeira,
Pois tem confiança inteira
Na agulha de marear.

.....

A bussola é teu sorriso,
E tu és a timoneira
Que levas ao Paraíso.

A barca, essa, é a minh'alma,
E o mar onde a barca esteira
É o Mar da Vida sem calma.





Conto singelo

I

Entre as moças nubis da sua aldeia,
Aldeia pittoresca
Que dava largo assumpto a cem pinceis,
E que repousa em cama de vergeis
Em cama principesca

Nas verdejantes margens lá d'um rio,
D'um rio mui caudal
Que nasce em longe serra entre mil fraguas
D'onde descem mugindo as suas aguas
As aguas de crystal

Que se juntam depois em duro leito
Em leito de granito,
Maria era entre todas mais galante
E era seu meigo rosto insinuante
O rosto mais bonito.

Uma tarde estival, ao pé da fonte,
Fonte que reflectia
Curta parcella azul do céu distante,
Fallára-lhe d'amor moço elegante
Um moço que dizia:

—«És um anjo, Maria, e és tão linda
Tão linda e tão gentil,
Que eu desejava ter-te pôr esposa,
Mulher, que entre as mulher's és mais formosa,
Mais formosa e gracil»—.

E as fallas amorosas d'esse joven
Do joven namorado
Casavam-se ao murmurio da agua pura
Que a fonte espalhava entre a verdura
A verdura do prado.

Cantavam rouxinoes nas cômas densas
Das densas ramarias,
E o som d'um sino os echos acordava
Chamando á oração, poisque tocava,
Tocava a *Avé Marias*.

II

Na ermida muito branca havia festa
E festa de noivado,
Que annunciava, em tom enternecido,
O sino que vibrava n'um sonido,
Sonido prolongado.

Sonido que invadia o pobre templo
O templo tão singelo,
Beijando, de Maria, as ondas d'oiro
Em que brilhava o doce manto loiro
Do seu loiro cabelo.

E segredava votos de ventura
De ventura infinda,
Áquella que estimava dês menina,
Quando fôra ao baptismo, pequenina,
Tão pequenina ainda,

Nos braços carinhosos de seu pae
Do pae que lhe morrêra;
E que vinha a saudar no seu noivado,
Sob o arco-cruzeiro engrinaldado
Engrinaldado de hera.

Findára a cerimonia do enlace
Enlace auspicioso;
Pelos caminhos petalas de rosas
Vinham cobrir em nuvens olorosas,
Cobrir o par ditoso.

Flammejava, no anil, o augusto sol
O sol que é rei dos céus,
E derramava sobre os bêm-çasados
Bençãos e parabens, talvez mandados
Mandados p'lo bom Deus.

III

Viéra, a Morte, sorrisos transformar
Transformal'-os em ais,
E rasgando a corôa d'esses noivos,
Rosas, galas, mudára em lucto e em goivos,
Tristes goivos feraes!

Do consorcio recente, fôra ephémera
Fôra ephémera a dita,
E a vida que lhes era deleitosa
Tornára-se-lhes via dolorosa
E via de desdita.

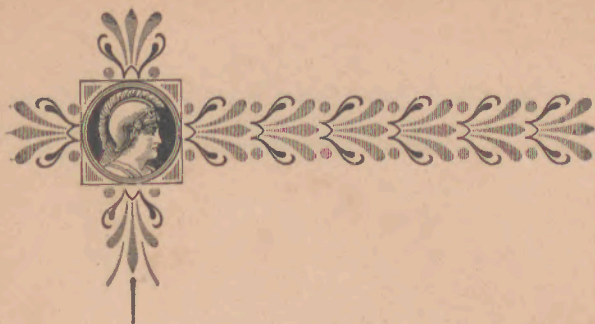
Quando offertava um anjo a este mundo
Ao mundo tormentoso,
Voára para o céu a alma de Maria,
Para a mansão onde ha perenne dia
E onde ha perenne goso.

E ao ver passar a morta pela ermida
Ermida dealbante,
O sino estende a voz por todo o prado,
Em enorme soluço, em triste brado,
Em brado altisonante.

E das cavernas bronzeadas do seu peito
Do seu peito herculeo,
São-lhe um gemido longo, doloroso,
Como o do torturado em temeroso
Em temeroso eculeo.

Um gemido que esvoaça na campina
Sobre a campina em flôr,
E que, envolvendo a campa de Maria
Em curta prece, em prece d'agonia
D'agonia e de dôr,

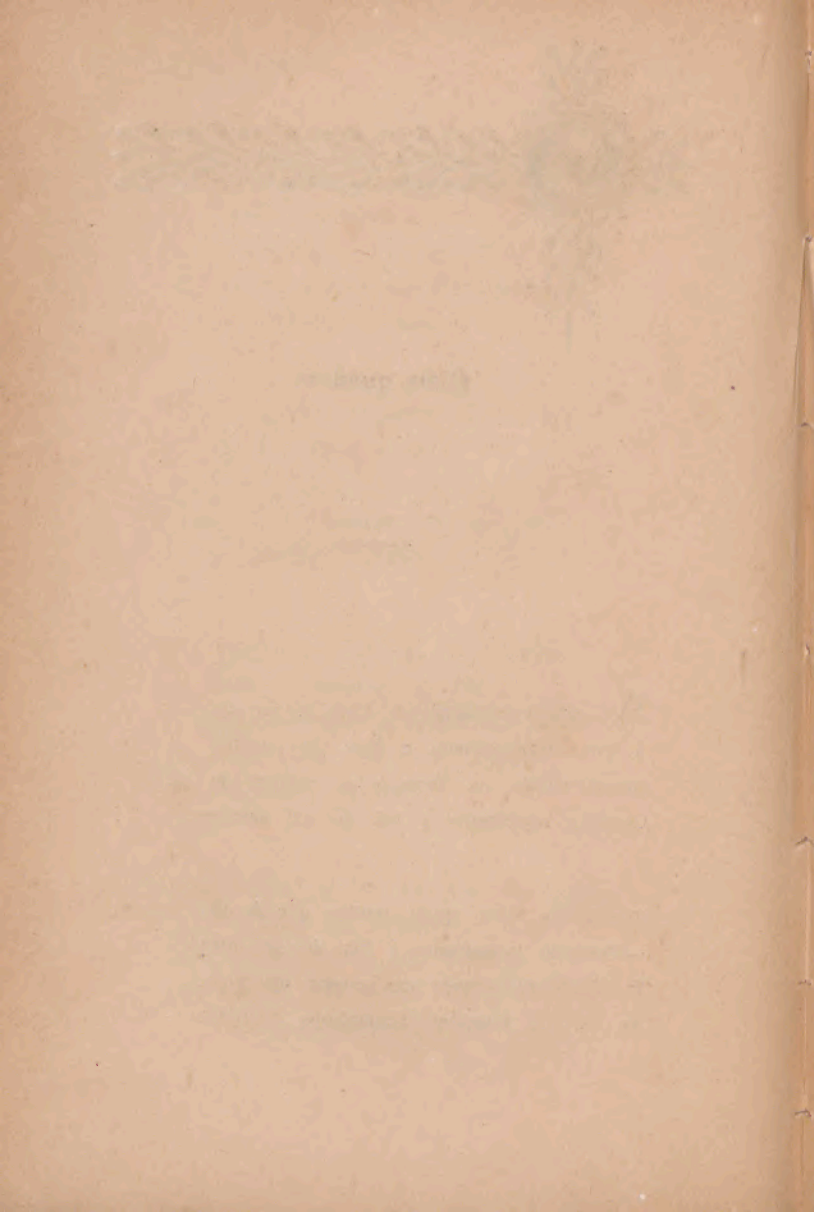
Fugindo, vae morrer lá muito ao longe,
Ao longe, no horizonte,
Qual avesinha frida em descampado
Que escolhe p'ra morrer sitio afastado
N'um afastado monte .

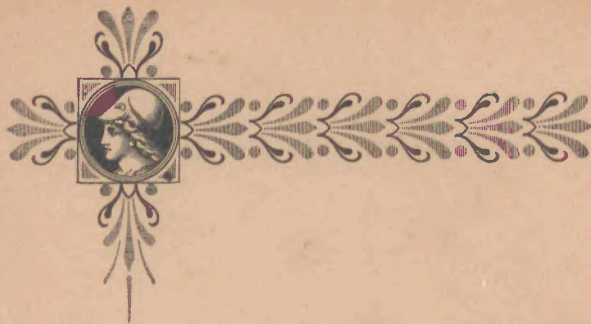


Duas quadras

A onda vae beijar, de leve, a penedia
Á luz ensanguentada e doce do poente,
Depois beija-a na treva, e ao romper do dia
Oscula-a novamente á luz do sol nascente.

Queria um Fado igual, mulher que és tão formosa!
— Beijar-te longamente á luz do teu olhar,
E depois d'oscular-te em campa tenebrosa,
No val' de Josaphat, beijando-te, acordar! —

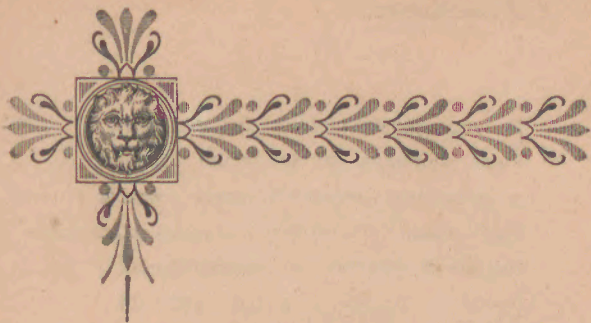




O teu olhar

Se eu fôra Satanaz
Alugaria
Teu olhar divinal,
E ganharia
Mil almas para o Mal.

E eis como sendo paz
E amor mui terno
A luz d'esse olhar teu,
Nos dava inferno
Podendo dar-nos céu.



O sonho da duqueza

Na rica *chaise-longue* em seda côr de céu,
Que esconde da poeira um transparente véu,
Repousa, adormecida, em languida molleza,
—O corpo semi-nú, gentil— a gran-duqueza.
Fugira, estonteada, ao brilho dos salões
Depois de avassallar, aos mil, os corações,
De escutar a lisonja, a myrrha derramada
Em thuribulos d'oiro aos pés d'aquella fada,

E longe já da côrte e dos aduladores
 Viera adormecer no seu ninho d'amores.
 A porta mal cerrada ás doces melodias
 Que vinham dos salões em ondas d'harmonias
 Deixava-as penetrar na camara doirada,
 Corrido o reposteiro, a téla assetinada
 Onde era desenhada a c'rôa gran-ducal;
 E vinham a quebrar nos moveis de nopal,
 E vinham a morrer entre as tapeçarias,
 Nas alfaias com oiro e ricas pedrarias,
 No sandalo do leito, em velludo e brocados,
 Na alcatifa do chão, no tecto entre os dourados.

... ..

E sobre a *chaise-longue* occulta por um véu,
 Mais bella que as houris do musulmano céu,
 — O corpo semi-nú, gentil — a gran-duqueza
 Repousa, adormecida, em languida molleza.
 Pende-lhe ao desamparo um braço esculptural,
 E o outro faz moldura ao rosto divinal
 Perdido entre o cabello em fulvas ondas solto
 Cahindo em desalinho após o braço envolto.
 O bello seio roseo, erecto, perfumado,
 Das rendas de Malines emerge desnudado,
 E cingem-lhe a garganta, em voltas apertadas,

Mil perolas d'Ophir, das mais orientadas.
A saia de setim, um pouco levantada,
Deixa vêr o começo da perna bem talhada
Calçada em fina meia, e o lindo pé tão breve
Mettido n'um chapim da côr da branca neve.

.....

Agitou-se de leve a deusa de belleza!
É com amor, talvez, que sonha a gran-duqueza,
Abrindo n'um sorriso os labios carminados,
Uns labios de setim, de rosa, avelludados.
Arfa-lhe em doce rythmo o collo d'alabastro,
Como o tremeluzir d'um luminoso astro,
E mostra longamente os dentes de marfim,
E as sobranceilhas move, — uns traços de nankim.
Instantaneo tremor percorre a jaspea tez
Da celestial mulher. Vae despertar talvez . . .
Não! Eil-a que recahe na languida molleza.
Mas com que sonhará a bella gran-duqueza?

.....

Resôa o corredor sob um passo apressado . . .
Ondula o reposteiro e em tom mui delicado,
Na doce commoção de quem falla em segredo,
Ouviu-se terna voz dizer como que a medo:

—«Senhora, desculpae; permite Vossa Alteza? . . .»—

—«Ah! entrae meu senhor—responde a gran-duqueza,

Já sonhava comvosco, esposo bem amado!»—

E o gran-duque cahiu-lhe aos pés ajoelhado . . .

.....

.....

Na rica *chaise-longue*, em sêda côr de céu,
Que esconde da poeira um transparente véu,
Repousa, adormecida, em languida molleza,
— O corpo semi-nú, gentil — a gran-duqueza!





Chiméra

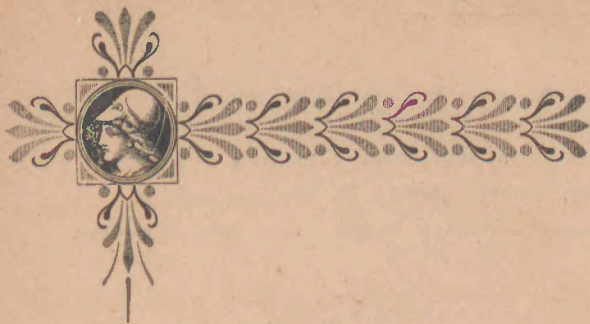
Onde vaes doidejando oh! casta mariposa,
Nas azas da procella, ao caprichar do vento,
Pelo espaço, veloz, qual mesmo pensamento
Furtando, fugitiva, um beijo a cada rosa?

Profanar tanta flôr que a vicejar mimosa
Perfuma o largo valle, é bem maldoso intento!
Deixa-me aprisionar-te um só, curto momento
Que outra flôr te darei de todas mais formosa.

É seu véro retrato a mais brilhante estrella
Que altiva tremeluz na vastidão do empyreo ;
Mais pura é que a cecem e como um anjo é bella.

Vae! Poisa-lhe na fronte e diz-lhe o meu martyrio,
Mas deixa-me escrever-te, e leva-lh'as a Ella,
Mil confissões d'amor, nas azas côr de lyrio!





Na morte d'um poeta.

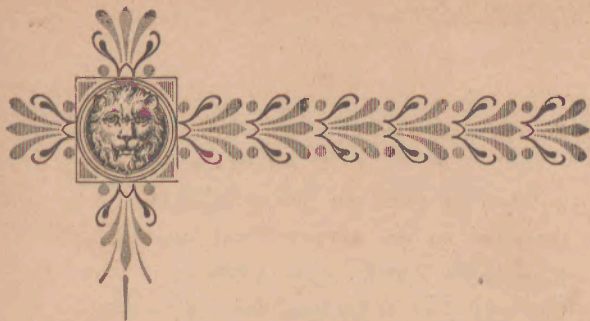
X

Cahiste, luctador, na lucta pela vida,
N'essa lucta sem par que mata as gerações;
Baixou teu corpo inerte á ultima jazida
Mas ficará teu nome em nossos corações.

O pranto da familia e as preces fervorosas,
Não lograram chegar a Deus, no alto céu,
E partidas da lyra as cordas sonoras
Transpozeste os umbraes do branco mausoléu!

Do Anjo do Exterminio, a aza tudo abate!
Roçou-te a larga fronte e matou-te o ideal!
Mas, mentira, illusão! Tu não morreste, vate,
Porque o poeta é a alma, e a alma é immortal!





Dilúculo

Já vae a purpurear-se o lusco-fusco ingente
Que dá uns vagos tons a quanto a vista abrange.
No humilde campanario o sino inda não tange,
Chamando ao labutar o lavrador dormente.

Silencio sepulcral — estranha convenção ! —
Precede o levantar do rei do firmamento.
Por tacito convenio até o mesmo vento,
De furacão mudado em branda viração,
Oscula sem barulho a rosa e o jasmim.

Começa a apothéose!

O sol nasceu enfim!

No meio de rubis, em aureo palanquim,
Destaca-se no céu sob um docel sangrento,
Fazendo-nos lembrar obeso mandarim
Que ao culto de Confucio acorre pressurento.

E em recta colossal para Hercules distante,
Dando calor e luz, sempre seguindo vae
O refulgente sol que um dia Tycho-Brahe
Poz a girar no azul, satellite brilhante,
Em volta da mãe Terra, ao centro de planetas,
N'um foco da ellipse incerta dos cometas.

Copernico, porém, sondára a Natureza
E desvendando, enfim, mysterios escondidos,
Contrarios á illusão, á crença dos sentidos,
Já tinha garantido á victima indefeza
De Ptolomeu e Tycho, o pão de cada dia,
Levantando um systema em calculos fieis
Que o *Index* taxou de heretica utopia
E que Kepler dotou com soberanas leis:

— E em posição feliz na astral sociedade
Vae-se fazendo velho o rei da Immensidade! —

Finalmente; a manhã ha muito ia rompendo
E a Boeira, de zêlo, ia empallidecendo.

O *Angelus* vibrando, em tremulos queixumes,
Fôra quebrar o somno aos echos indiscretos,
Que fazem acordar alcantilados cumes,
E ao fundo da quebrada os valles mais secretos.

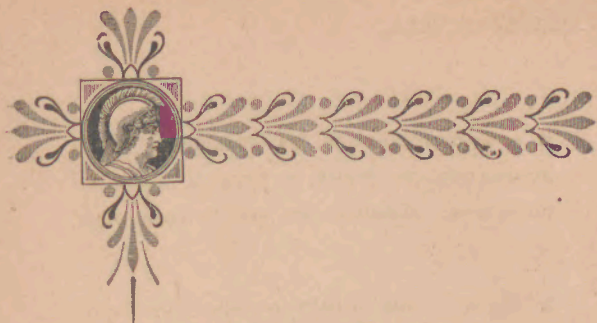
Nas franças do arvoredô a alegre passarada
Entôa ao desafio, em cantos afinados,
Festivas saudações á loira Madrugada
Que esconde o seu pudor em doces cortinados
Feitos da luz da aurora e nevoa aurirosada.

O Iyrio debruçado em beiras de vallados
Disputa a primazia ás vividas boninas
Que esmaltam variamente o solo das campinas
Que dão alegres tons ao verdejar dos prados.

Na augusta placidez do campo embalsamado
Resôa meigamente a rythmica toada
Com que gentil camponia em voz mui bem timbrada.
Incita os mansos bois, á frente d'um arado.

E o sol vae caminhando em recta colossal
A governar sereno a sociedade astral,
Dos mundos sideraes, Rei, de luz coroado,
Emquanto no arvoredó a alegre passarada
Canta ao desafio e a rythmica toada
Altera a placidez do campo embalsamado.





Noite de luar

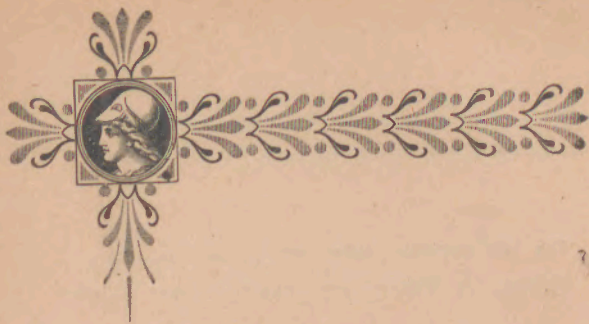
Na densa ramaria dos laranjaes em flôr
Acouta-se medroso o alado bando errante.
É branda a viração, e o bom luar brilhante
Espalha doce luz de magico pallôr.

Nas solidões azues da abobada distante,
Região do mysterio onde gravitam mundos
Que continentes têm e mesmo oceanos fundos,
Ha estrellas, ás mil, de brilho scintillante.

E a pastora gentil, a lua desnudada,
Accendendo, ao passar, a terra já apagada,
Envolve-as, cuidadosa, em seu formoso olhar.

E sem ter onde occulte o bello corpo seu,
Percorre vagarosa as solidões do céu,
Qual bella escrava núa exposta n'um bazar.





A agonia do sol

Vae cobrir-se de treva a abobada infinita!
D'horror, a Creação, soluça em voz afflicta!

O vento enraivecido, em uivos, esfusia,
E no arvoredo geme em triste symphonia!

O sol vae a morrer, o doce sol radioso,
Por mão d'ignoto algoz, de carrasco impiedoso.

E seu rosto afogueado esconde além da serra,
Um derradeiro olhar volvendo sobre a terra.

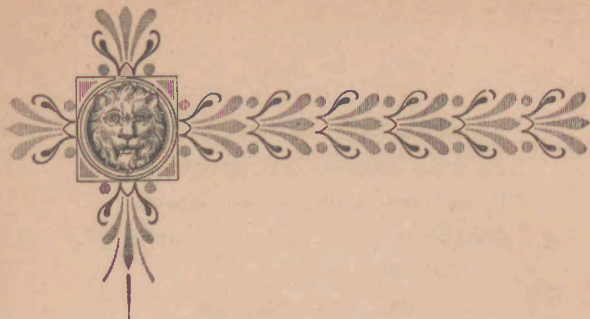
Um só momento passa em grande anciedade!
Subito, um sangue vivo invade a immensidade!

Foi o golpe mortal, que o algoz mysterioso
Vibrou no doce sol, no bello sol radioso! . . .

E a desolada noite, a noite tenebrosa
Estende compassiva os crepes do seu manto
Para occultar á terra a scena dolorosa.

É que o brilhante sol acaba de expirar,
Arrojado ao abysmo, ao infinito mar!





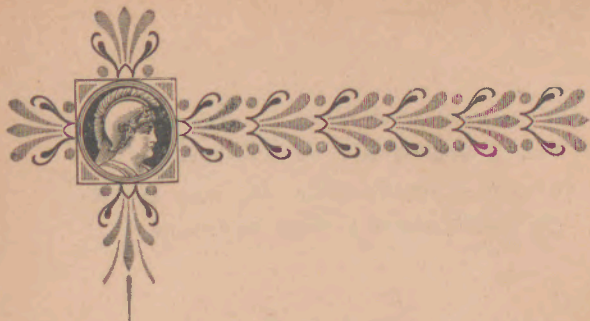
O sino dos mortos

Noiva da campa, pallida e fria,
Repousa a triste no seu caixão.
Serena e calma como que ria
Ao Deus bondoso em que tanto cria,
E o sino toca:
Dlin, dlin! Dlin, dlão!

No ataúde cheio de rosas,
As mãos encruza com devoção,
E em torno d'ella, vozes piedosas
Murmuram preces mui fervorosas,
Emquanto o sino :
Dlin, dlin ! Dlin, dlão !

Padres diversos, soturnamente,
Psalmeiam graves, em cantochão,
Prostra-se o povo bem reverente
E escuta o sino que em tom plangente,
Gemendo toca :
Dlin, dlin ! Dlin, dlão !

No cemiterio, todos, chorando,
Desfolham flôres sobre o caixão,
E á cova negra tudo lançando,
Ouvem o sino que, soluçando,
Ao longe dobra :
Dlin, dlin ! Dlin, dlão !



Trindades

No adro da ermida, a cruz, como um perdão,
Os braços de granito estende sobre a terra.
Vem a noite a descer. Do valle até á serra,
Um lento badalar nos chama á oração.

Dos prados e do monte eleva-se a canção
Que a Natureza envia ao Grande Creador,
E o aldeão tradul'a em preces com fervor,
Repassadas de fé, cheias de devoção.

A nuncia do bom tempo, a altívola andorinha,
Risca o azul ethéreo em vôo derradeiro,
E entre a cerrada moita, aos pios, agoureiro,
Um noitibó saúda a noite tão visinha.

Desceu todo o pastor das altas cumiadas
A recolher no aprisco as mansas ovelhinhas,
E ao redor do lar, as velhas avósinhas
Começam a fallar de mouras encantadas;

«D'um castello roqueiro olhando sobre o mar,
Outr'ora pertencente a castellãos altivos
Que fazem perder Naus, phantasmas redivivos,
Uns fachos agitando em noites sem luar;

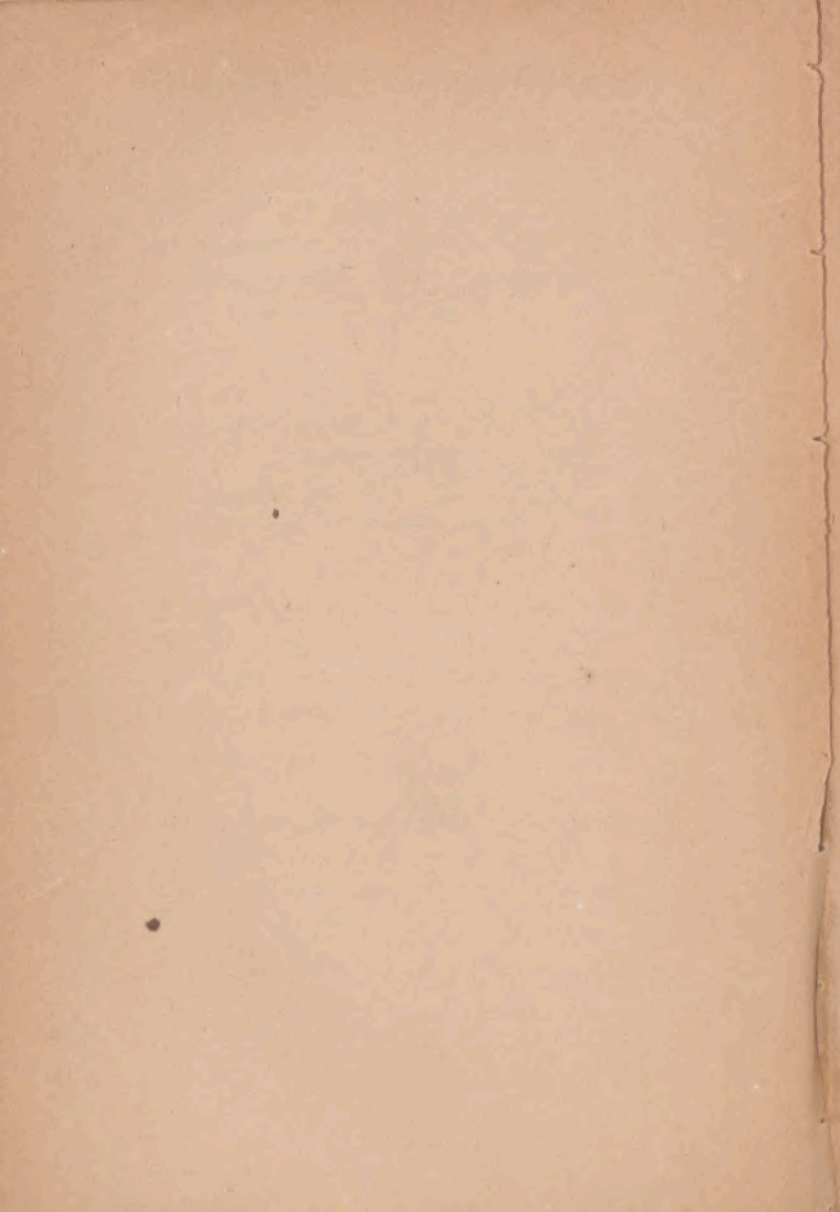
«Das sessões infernaes a que Satan preside,
Sob a alta carvalheira, enorme, secular,
Que marca exactamente o centro do logar,
Mui perto do passal onde o prior reside.»

.....

O dobre triste e brando, haurido pelo vento,
Fôra extinguir-se, ha muito, entre quebradas longes,
Lembrando o psalmear soturno d'alguns monges
A resoar na arcada escura d'um convento.

E quando, merencorea, a lua, já nos céus,
Vencia lentamente os sideraes espaços,
No adro da ermida, abria ainda os braços
A cruz que sustentára, exangue, o Homem-Deus.



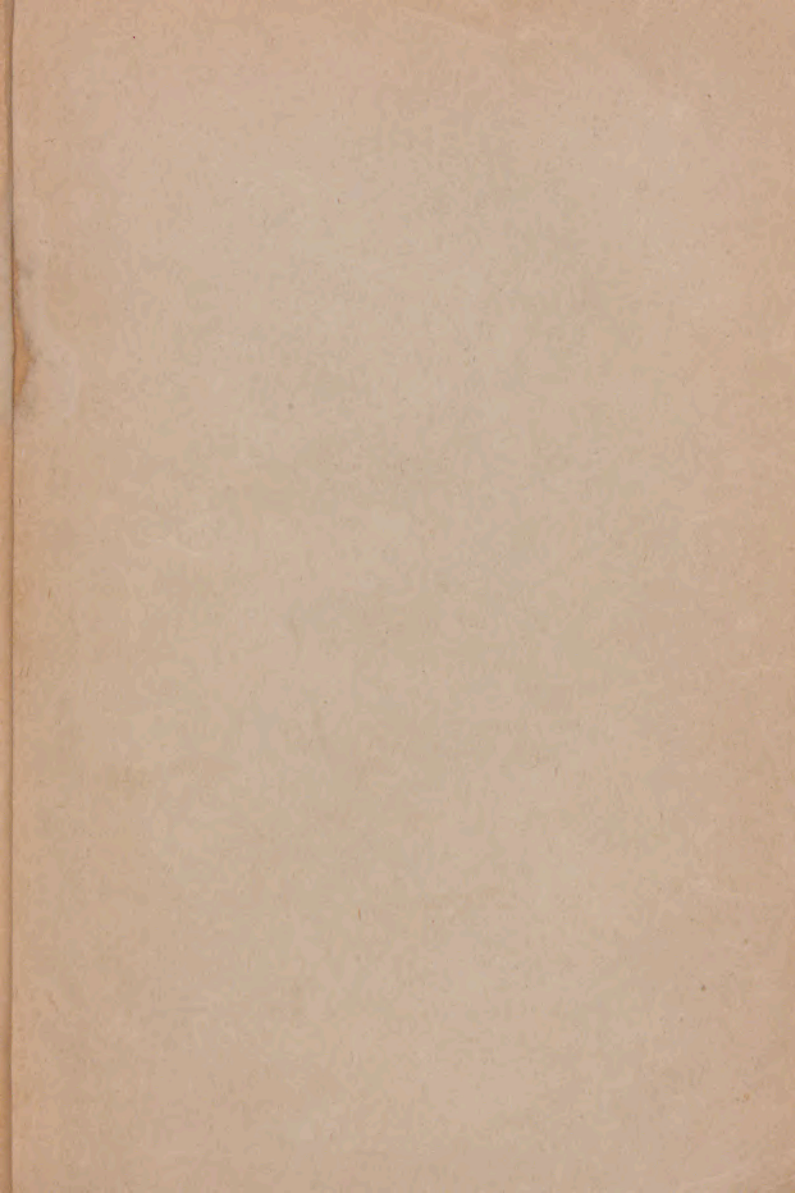




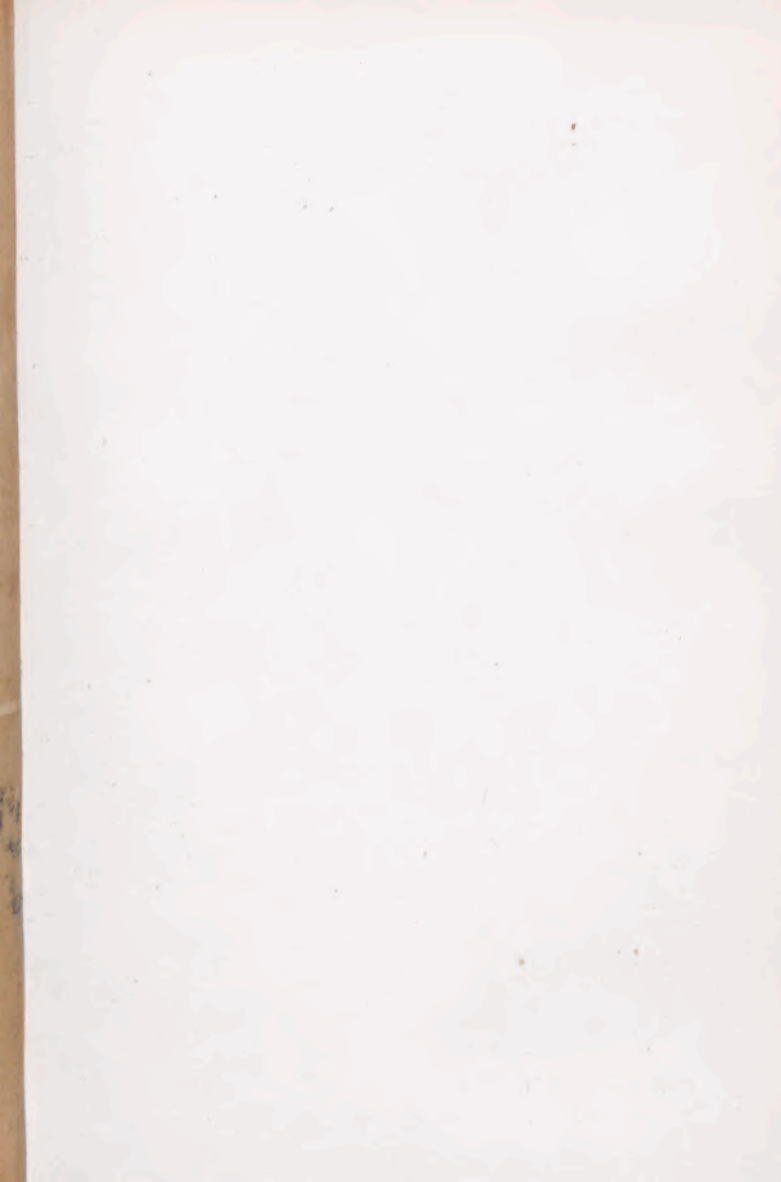
INDICE

DUAS PALAVRAS..	7
FOLHAS DO OUTONO:	
Aquarella ...	11
Eterno amor ...	13
Dia de finados..	15
Scismando ...	17
Quinze quê? ...	21
Agua na fervura ...	23
Punhal hervado..	25
Aos expedicionarios de Infantaria n.º 8 ...	27
Acrostico ...	31
Amor e odio ...	33

Salvè	35
À minha gentil amiguinha Candida Pinto.. ...	37
Teu seio nú	39
Mulheres	41
O Poeta	43
Á GUITARRA..	49
VERBENAS :	
Vogando	77
Conto singelo	79
Duas quadras	85
O teu olhar	87
O sonho da duqueza	89
Chiméra.	93
Na morte d'um poeta	95
Dilúculo	97
Noite de luar	101
A agonia do sol	103
O sino dos mortos..	105
Trindades	107











biblioteca
municipal
barcelos



5790

Folhas de Outono